
<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2013v1n31p263>

Viégas-Faria, Beatriz; Cardoso, Betina Mariante e Brose, Elizabeth R. Z. (Orgs). *Kate Chopin: Contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas*. Edição bilíngue. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011, 288 p.

Kate Chopin (1850-1904), tradutora e escritora norte-americana de contos e romances, é considerada uma das precursoras do feminismo no século XX. Embora não se declarasse feminista, dizia que levava as mulheres a sério, sem duvidar de sua força. Destacou-se como contista, tendo escrito apenas dois romances: *At Fault*, de 1890 (*Culpados*, tradução de Carmem Foltran. Vinhedo, SP: Horizonte, 2005) e *The Awakening*, de 1899 (*O despertar*, tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1994), sendo o último considerado uma de suas obras-primas. Seus contos têm como cenário a Louisiana e são consi-

derados autobiográficos. Cresceu cercada por mulheres fortes, inteligentes, independentes e solteiras. Ao entrar em depressão após a morte do marido e da mãe, um amigo médico aconselhou-a a escrever como terapia. No início de 1890, ela traduzia e publicava contos e artigos em revistas. Após sua morte, foi reconhecida como uma das escritoras mais importantes de sua época. No Brasil, menos atenção tinha sido dada, até agora, aos seus contos. O livro em questão oferece um trabalho de qualidade que sana essa falta.

O volume *Contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas* está dividido em quatro partes: doze contos de Kate Chopin, traduzidos por seis tradutores, acompanhados do texto original; estudos literários, apresentando análises literárias por quatorze teóricos sobre os contos traduzidos; humanidades médicas, apresentando comentários de onze médicos psiquiatras e/ou psicanalistas, um escritor e um médico infectologista a respeito dos contos traduzidos, com o objetivo de mostrar como essas obras podem enriquecer a área da psicanálise; e, finalmente, o cur-

rículo de todos que contribuíram para a edição da obra.

Inicialmente, Márcia Knop e Henrique Guerra fazem uma breve sinopse da vida da escritora de sangue *creole*, filha de pai irlandês e mãe *creole* francesa, passando por seu casamento e viuvez, sua vida com seis filhos e dívidas deixadas pelo falecido marido e, finalmente, seu lançamento como escritora, aos 32 anos de idade. Os apresentadores do livro comentam a influência de escritores como Guy de Maupassant na obra de Kate Chopin, além de a obra da escritora ser considerada pela crítica da época como imoral, sendo severamente criticada, fato que a desestimula. Knop e Guerra chamam atenção para o tom universal da obra de Kate Chopin, que transcende o regionalismo do sul da Louisiana, assumindo e descrevendo valores e realidades universais.

Cada uma das partes contém uma apresentação sucinta. No caso das traduções, Beatriz Viégas-Faria dá as boas-vindas aos leitores, se apresentando como a *designer* e professora ministrante de uma Oficina de Tradução Literária, que aconteceu no segundo semestre de 2005 e no primeiro

semestre de 2006, na PUC-RS, como curso de extensão. Viégas-Faria descreve como a oficina aconteceu, tendo os cinco novos tradutores trabalhado com foco na compreensão do texto de Kate Chopin em suas diferentes camadas, envolvendo desde a linguagem descritiva e narrativa até as características socioculturais da Louisiana da época. Sem deixar de lado os aspectos extratextuais, os novos tradutores buscaram conhecer, também, a geografia da região e a gastronomia das diferentes etnias retratadas, ao passo que iniciavam a construção da primeira versão em língua portuguesa brasileira dos contos. Viégas-Faria comenta sobre a produção tradutória e as consequências da opção por construções mais literais ou mais livres. A professora esclarece que a opção por estruturas mais literais prejudicaria o resultado final em termos da composição na língua alvo, comprometendo a fluência em língua portuguesa brasileira, enquanto que as construções mais livres prejudicariam o resultado final com relação ao estilo de Kate Chopin, que deveria ser preservado nas traduções. Ao vencer esse primeiro obstáculo, passou-

-se a lidar com a linguagem coloquial e uso de dialetos pelas personagens. Em um trabalho com a participação de seis tradutores (Viégas-Faria traduz um dos contos e os outros são traduzidos por cinco novos tradutores), foi desenvolvido um trabalho de revisão para uniformizar a formação dos diálogos, com inclusão de marcas de agramaticalidade em língua portuguesa brasileira. Optou-se por inserir notas de rodapé explicativas e por explicar, no texto de apresentação, três termos que, segundo as organizadoras, marcam a obra de Kate Chopin: *bayou* (“manguezal típico do sul dos Estados Unidos”), *creole* (“população específica de raça branca, descendentes dos primeiros colonizadores franceses e espanhóis, bem como a língua que evoluiu basicamente do contato do francês com as línguas africanas dos escravos”) e *acadianos* (“população branca dos estados da Louisiana descendentes de imigrantes de língua francesa da Acádia, províncias do nordeste da América do Norte”)¹. Antes de concluir, Viégas-Faria apresenta comentários dos alunos da Oficina sobre o desafio de traduzir os contos, bem como sobre

a gratificação por trabalhar com temas variados e contundentes, com beleza e exatidão de linguagem. Os alunos ainda descreveram a escritora como pertencente a uma geração que retrata a personalidade humana em sua vida cotidiana, dentro de um contexto geográfico-histórico-cultural específico, os Estados Unidos da segunda metade do século XIX, que deu início ao movimento literário realista.

Os contos selecionados para tradução são “A pair of silk stockings” (‘Um par de meias de seda’), “Elizabeth Stock’s One Story” (‘A única história de Elizabeth Stock’), “At the ‘Cadian Ball” (‘No baile Acadiano’), “The storm – a sequel to ‘The ‘Cadian ball’” (‘O temporal’), “Lilacs” (‘Lilases’), “Emancipation. A life fable” (‘Emancipação: uma fábula da vida’), “Désirée’s baby” (‘O nenê de Désirée’), “The story of an hour” (‘A história de uma hora’), “La belle Zoraïde” (‘La belle Zoraïde’), “At the Chênrière Caminada” (‘Na Chênrière Caminada’), “Athénaïse” (‘Athénaïse’) e “Nég Créol” (‘Nég Créol’). ‘Um par de meias de seda’, traduzido por Márcia Knop, abre a

coletânea e apresenta uma linguagem caracterizada pela tradutora como extremamente feminina, descrevendo o universo aparentemente banal e superficial da dona de casa que vive para alimentar e vestir seus filhos. De repente, essa mulher toma posse de quinze dólares e o primeiro plano é voltado para prover a família. No entanto, essa mulher comum se deixa seduzir pelo toque macio e convidativo de um par de meias de seda e, a partir daí, entra numa viagem de sentidos e prazeres há muito adormecidos em suas lembranças. A tradutora traduz outros dois contos da coletânea – ‘A única história de Elizabeth Stock’ e ‘Nég Créol’ – e comenta a respeito das dificuldades vivenciadas em determinados momentos, não apenas por barreiras linguísticas, mas pela não-identificação com um determinado conto a ser traduzido. Contudo, a tradutora afirma que tal dificuldade foi vencida com a consciência de que o trabalho tinha que ser realizado, da melhor forma possível, e a oficina promoveu novos estudos para superar as resistências – releituras de textos sobre Chopin, conversas com pesquisadores da obra da escritora e busca por mais informações sobre a contista. Assim, a

tradutora acredita ter havido uma reaproximação e redescoberta da linguagem, da ironia, o que permitiu que ela começasse a se identificar com o conto ‘Nég Creole’, passando a admirar seus detalhes antropológicos, suas personagens e ironias. Essa descrição do trabalho é rica em vários sentidos, mas principalmente como relato sobre as sutilezas e percalços do ato tradutório. A experiência da tradutora demonstra que, diferentemente do que se possa imaginar, o tradutor se vê, em determinados momentos, perante um material que não se mostra interessante ou desejável para leitura e tradução, mas que, independente de gostos, interesses ou vontades particulares, deve ser trabalhado. E, no final, surpresas agradáveis acontecem, como no caso relatado, havendo uma redescoberta textual e o trabalho é desenvolvido sem tanto tormento.

O conto ‘No baile Acadiano’, traduzido por Denise Mariné, trata a história de vida de dois casais, que continua em ‘O temporal’, também traduzido por Mariné. Nesse início, os casais lutam para ficarem juntos, mas há conflito de atrações e interesses. Bobinôt ama Calixta, que se sente atraída por Alcée, que ama

Clarisse. Eles vão se encontrar no baile, onde suas vidas tomarão rumos definitivos. Para marcar o tom de confusão, o conto inicia com a narração concentrada no personagem Bobinôt, que é rejeitado com frequência por Calixta. Para tratar esse início, a tradutora optou por uma troca vocabular, traduzindo *heartache* por *dor de cabeça*, como pode ser visto no trecho a seguir:

Bobinôt, aquele mestiço grande de boa índole, não tinha nenhuma intenção de ir ao baile, apesar de saber que Calixta estaria lá. Pois o que sobrava destes bailes além de *dor de cabeça* e uma doentia falta de motivação para o trabalho durante a semana inteira, até a noite do sábado chegar outra vez e sua tortura recomeçar? (p. 33)

Bobinôt, that big, brown, good-natured Bobinôt, had no intention of going to the ball, even though he knew Calixta would be there. For what came of those balls but heartache, and a sickening disinclination for work the whole week through, till Saturday night came again and his tortures began afresh? (p. 33)

Além da troca vocabular, que pode ser questionada, houve opção por evitar a repetição do nome de Bobinôt na primeira frase e as necessárias adequações estruturais à língua alvo. O conto é rico em diálogos que transmitem o dialeto dos personagens e a tradutora busca manter o tom de agramaticalidade na língua alvo, como pode ser notado a partir de um trecho do diálogo das personagens:

- Cruzes! Miss Clarice. Eu *num* tava sabendo se era assombração ou *otra* coisa parada aí, toda apumada no escuro desse jeito. (p. 36)

“Gre’t Peter! Miss Clarisse. I was n’ sho it was a ghos’ o’ w’at, stan’in’ up dah, plumb in de night, dataway.” (p. 36)

Os dialetos das personagens exigem estudo cauteloso sobre essa linguagem e como traduzi-la para o português brasileiro. Os tradutores conseguiram manter uniformidade na linguagem utilizada nos diálogos, o que parece ser um dos trabalhos mais árduos na construção tradutória dos contos de Chopin. Ao final

do baile, para evitar que Alcée fique com Calixta, Clarice finalmente declara seu amor por Alcée e Calixta aceita o cortejo de Bobinôt, aceitando casar-se com ele. O conto finaliza com a descarga de pistolas pelos músicos negros, anunciando que o baile havia acabado.

Em ‘O temporal’, as descargas ou estrondos – termo utilizado pela tradutora – representam o temporal por chegar. Nesse conto, Bobinôt e Calixta já têm um filhinho, que está com o pai, longe de casa. Calixta, sozinha, aguarda a chegada dos dois. Contudo, quem chega para se abrigar do temporal é Alcée e o conto se desenrola com a descrição de sentimentos de desejo acompanhados pela descrição do avanço do temporal, da volúpia dos amantes e, em seguida, da calma após a tempestade e do saciar da paixão. A tradutora teve o cuidado de manter a linguagem narrativa o mais próxima do texto original, buscando manter a fluência do texto alvo e preservando o estilo de Chopin, como pode ser visto a seguir:

Não deram atenção à chuva torrencial, e o estrondo dos elementos da natureza fez Calixta rir quando se deitou nos braços de Alcée. Ela foi uma revelação divina, naquele quarto cheio de penumbra e mistério; branca como a cama em que se deitou. Sua carne firme e flexível, que pela primeira vez conhecia um direito natural seu, era como um lírio branco que o sol convida a contribuir com seu sopro e perfume para a imorredoura deste mundo.

A generosa intensidade da paixão de Calixta, sem malícia nem truques, era como uma chama branca que penetrasse e encontrasse resposta no fundo da natureza sensual de Alcée, um ponto que nunca antes fora atingido.

Quando ele tocou os seios, estes se entregaram, hirtos, num êxtase trêmulo, um convite aos lábios de Alcée. A boca de Calixta era uma fonte de delícias. E quando ele a possuiu, os dois pareceram desmaiar juntos no exato limite do mistério da vida. (p. 51)

They did not heed the crashing torrents, and the roar of the elements made her laugh as she lay in his arms. She was a revelation in that dim, mysterious chamber; as white as the couch she lay upon. Her firm, elastic flesh that was knowing for the first time its birthright, was like a creamy lily that the sun invites to contribute its breath and perfume to the undying life of the world.

The generous abundance of her passion, without guile or trickery, was like a white flame which penetrated and found response in depths of his own sensuous nature that had never yet been reached.

When he touched her breasts they gave themselves up in quivering ecstasy, inviting his lips. Her mouth was a fountain of delight. And when he possessed her, they seemed to swoon together at the very borderland of life's mystery. (p. 51)

Guerra, segue a mesma dinâmica dos demais contos traduzidos, como 'Emancipação: uma fábula da vida', traduzido por Denise Mariné, e 'O neném de Désirée', traduzido por Henrique Guerra. Em 'A história de uma hora', é relatada a história de uma senhora cardíaca que acaba de ter conhecimento da morte de seu marido em um acidente de trem². Passa-se a descrever, então, sentimentos de breve dor e, em seguida, sentimentos de liberdade que ela passa a vislumbrar. Entretanto, para uma mulher naquela época, uma vida de liberdade não passava de um sonho. É assim que Chopin descreve os últimos minutos de vida da personagem:

A tradutora manteve o texto traduzido em consonância com a leveza e sutileza da linguagem do texto original, cheio de metáforas.

'Lilases', conto traduzido por Adriana Ruggeri e Henrique

Havia algo vindo em sua direção e ela esperava por aquilo, temerosa. O que era? Ela não sabia; era muito sutil e indefinível para nomear. Mas ela podia sentir aquilo saindo do céu de um modo arrastado, aproximando-se dela pelos sons, pelos cheiros, pela cor...

Neste instante, seu peito subiu e desceu num tumulto. Ela estava começando a reconhecer essa coisa que se aproximava para possuí-la e esforçava-se para repeli-la com sua força de vontade – tão impotente quanto teriam sido suas mãos brancas e pequenas.

Quando desistiu da luta, uma pequena palavra sussurrada escapou de seus lábios mal e mal entreabertos. Ela repetiu várias vezes entre dentes: “Livre, livre, livre!” O olhar perdido e a posterior expressão de terror desapareceram de seus olhos. Eles ficaram vivos e radiantes. O batimento cardíaco acelerou, e o sangue pulsante aqueceu e relaxou cada polegada de seu corpo. (pp. 80-1)

There was something coming to her and she was waiting for it, fearfully. What was it? She did not know; it was too subtle and elusive to name. But she felt it, creeping out of the sky, reaching toward her through the sounds, the scents, the color that filled the air.

Now her bosom rose and fell tumultuously. She was beginning to recognize this thing that was approaching to possess her, and she was striving to beat it back with her will – as powerless as her two white slender hands would have been.

When she abandoned herself a little whispered word escaped her slightly parted lips. She said it over and over under her breath: “free, free, free!” The vacant stare and the look of terror that had followed it went from her eyes. They stayed keen and bright. Her pulses beat fast, and the coursing blood warmed and relaxed every inch of her body.
(pp. 80-1)

A vontade que ela sentia de libertar-se da vida sufocante e sem graça que havia vivido até então parecia poder se tornar realidade agora, com a morte do marido.

Entretanto, seu estado debilitado vai surgindo na sequência de sentimentos descrita. Ela reconhece a liberdade se aproximando, mas ela teme tal liberdade ao mesmo tempo em que a deseja. Ela sabe que o novo (a liberdade? A morte?), que ela já conhece de certa forma, agora se apresenta e a consome. Nesse instante, seu marido, que até então se acreditava estar morto, entra pela porta da frente. Ela, por sua vez, morre, e os médicos diagnosticam que “ela havia morrido do coração – de alegria fulminante” – “*she had died of heart disease – of joy that kills*” (p. 82). Nesse conto a descrição de liberdade parece vir na forma de descrição de um ataque cardíaco, que se confunde com sentimentos de liberdade e vida longa almejada pela personagem. Mas, seu destino está traçado na liberdade através da alegria de morrer, não de viver.

‘La belle Zoraïde’, traduzido por Beatriz Viégas-Faria, ‘Na Chênrière Caminada’, traduzido por Adriana Ruggeri Quinelo e Henrique Guerra e ‘Athénaïse’, traduzido por Felix Nonnenmacher, igualmente mantêm a mesma sonoridade de linguagem dos dialetos e a presença da autora

nas traduções. Ao mesmo tempo, é possível perceber a presença dos tradutores, seja através das notas ou dos dialetos transformados na aproximação do linguajar brasileiro, num sutil domesticar textual para que o leitor brasileiro seja capaz de dimensionar o falar das personagens. Os tradutores mostram o movimento da linguagem e do trabalho tradutório de forma que os contextos e as culturas variadas vão se combinando com o contexto brasileiro. Nesse movimento, a presença de Kate Chopin continua sendo sentida, sugerindo que os tradutores alcançaram seus objetivos, reafirmando o valor universal da obra de Chopin.

Aparentemente, as demais partes do livro não mais tratam de tradução, movendo o olhar para a literatura e a psicanálise. Entretanto, como assinala Eco (2007, p. 291), “os bons tradutores, antes de começar a traduzir, passam um bom tempo lendo e relendo o texto e consultando todos os subsídios que permitam a melhor compreensão de passagens obscuras, termos ambíguos, referências eruditas – ou alusões quase psicanalíticas”. É o que parece ter acontecido com os tradu-

tores aqui apresentados e, ao chegar ao universo interpretativo dos estudos literários e humanidades médicas sobre os contos traduzidos, é possível sentir essa esfera interpretativa bastante próxima da forma como os contos são apresentados em tradução.

Sinara de Oliveira Branco
Universidade Federal de
Campina Grande

Notas

1. Todas as explicações são oferecidas por Beatriz Viégas-Faria na p. 16 da obra.
2. Vale salientar que o pai de Kate Chopin morreu em um acidente ferroviário.